

**EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**

**12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)**  
**Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4**

Duração da prova: 120 minutos  
 1999

2.ª FASE

**PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA****COTAÇÕES, CRITÉRIOS E SUGESTÕES DE CLASSIFICAÇÃO**

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

**GRUPO I****Questões 1. e 2.**

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise .....	10 pontos
Coerência lógica do discurso .....	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica .....	4 pontos
Correcção da expressão escrita .....	4 pontos
<b>TOTAL .....</b>	<b>25 pontos</b>
<b>TOTAL das Questões 1. e 2. .... (2 × 25) =</b>	<b>50 pontos</b>

- A inadequação da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A mera transcrição de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

**Questão 3.**

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados .....	35 pontos
Coerência lógica do discurso .....	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica .....	10 pontos
Correcção da expressão escrita .....	10 pontos
<b>TOTAL da Questão 3. .... (1 × 70) =</b>	<b>70 pontos</b>
<b>TOTAL DO GRUPO I .....</b>	<b>120 pontos</b>

- A inadequação da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta não manifestar conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

## **GRUPO I**

**Apenas como sugestões de correcção, apresentam-se os seguintes tópicos:**

### **DA NATUREZA, Parménides**

1. Identificação do pensar com o dizer e com o ser.  
Oposição do ser ao não-ser.  
Redução do não-ser ao nada.  
Conversão da possibilidade de ser, porque único, em necessidade de ser.
2. Ignorância da oposição do ser ao não-ser.  
Confusão entre a unidade do ser e a diversidade sensível.  
Experiência sensível causadora de incapacidade:
  - julgam ouvir, sendo surdos;
  - julgam ver, sendo cegos;
  - julgam dizer alguma coisa, só porque falam.
3. A questão do saber.  
Natureza do saber e natureza do ser.  
Afirmção e negação são contrários: «é» é o contrário de «não é».  
Identificação de verdade com realidade.  
Via da verdade/Via da opinião.  
Conflito entre a experiência sensível e a realidade pensável.

### **GÓRGIAS, Platão**

1. Crítica aos homens de Estado:
  - satisfizeram todos os desejos de bens materiais dos Atenienses;
  - administraram a cidade sem sabedoria e sem justiça;
  - foram responsáveis pelos males da cidade e recusam essa responsabilidade.
2. Os sofistas afirmaram-se sábios, mestres de virtude.  
Quem conhece a verdade pratica-a.  
Os mestres de virtude, se o são efectivamente, devem tomar justos os seus discípulos.  
Os sofistas acusam os seus discípulos de agirem injustamente, porque estes não lhes pagam nem lhes mostram gratidão.
3. A crítica filosófica da política: associação com a crítica à retórica e à sofística.  
Crítica à retórica – recaindo directamente sobre a política, promove a ignorância e o prazer da multidão – demagogia:
  - crítica de procedimentos inevitáveis e injustos da democracia ateniense – substituição da competência pela retórica;
  - crítica à tirania – substituição da justiça segundo as leis convencionais por uma suposta lei natural – o direito do mais forte.Responsabilidade inalienável do sofista e do político pelos actos dos seus discípulos e concidadãos.  
Nenhum homem de Estado ou sofista pode ser considerado uma vítima inocente.  
Subordinação da discussão sobre o valor da retórica e da política à questão da escolha do género de vida – o conhecimento do bem como condição da prática do bem.

## **FÉDON, Platão**

1. Existência da alma para além da morte; manutenção, por parte da alma, das suas faculdades e entendimento, após a separação do corpo.
2. Noção de metempsicose:
  - persistência da alma – ciclo de vida e de morte;
  - permanência da alma no Hades para poder renascer.
3. A imortalidade da alma – argumentos:
  - sucessão dos contrários – a alma, princípio de vida; a metempsicose;
  - reminiscência – preexistência da alma;
  - a natureza da alma – semelhança com as Ideias – invisível, simples, imutável;
  - causas da geração e da corrupção; exclusão dos contrários no inteligível.Recurso ao mito.

## **CATEGORIAS, Aristóteles**

1. Género – inclusão e heterogeneidade. Diferença específica é aquilo que distingue as várias espécies dentro de um género.
2. Nos géneros heterogéneos as diferenças são especificamente distintas (por exemplo, bípede é diferença do género animal, mas não pode ser diferença do género sabedoria – que são géneros heterogéneos).  
Os géneros subordinados (os géneros superiores são predicados dos géneros inferiores) podem ter as mesmas diferenças.
3. Introduz o conceito de diferença.  
Explicita a importância da noção de sinonímia (propriedade da relação de predicação).  
Desenvolve a noção de predicação (transitividade dessa noção).

## **O MESTRE, S. Agostinho**

1. O conhecimento das coisas sensíveis é feito através:
  - dos elementos deste mundo;
  - dos sentidos (que a mente usa como intérpretes).É um conhecimento que exige:
  - a presença da realidade sensível em questão;
  - a imagem dessa realidade confiada à memória.O conhecimento das coisas inteligíveis é feito através:
  - da razão (mente ou intelecto) mediante contemplação da Verdade interior.
2. As palavras, em si, não têm valor cognitivo: só conhecemos por meio dos sentidos do corpo, ou da mente.  
Aquele que ouve as palavras só conhece se vir a realidade sensível ou se contemplar, no seu íntimo, a realidade inteligível.
3. Negação da linguagem como fonte de conhecimento.  
Crítica à eficácia do acto de ensinar através das palavras.  
Linguagem como mediação – colabora, através da sua função admonitiva, com a ostensão.  
Tudo aquilo de que nos apercebemos com evidência é verdadeiro.  
Iluminação pelo Mestre interior como origem do conhecimento verdadeiro.

**V.S.F.F.**

**114/C/3**

## PROSLOGION, S. Anselmo

### 1. Finitude da criatura.

A alma está obscurecida pelas suas próprias trevas – «pequenez» da alma.

A alma tem uma capacidade de intelecção limitada.

### 2. A alma humana não pode inteccionar Deus de um modo absoluto, devido à sua estreiteza e à vastidão divina.

Ver: conhecer de modo absoluto – compreender Deus tal como é.

Ver «apenas de algum modo»: conhecer de modo limitado – não apreendendo a totalidade daquilo que se vê.

### 3. A razão humana encontrou Deus – existência necessária – e os seus atributos.

A alma não compreende Deus, apesar de a descoberta do entendimento ser verdadeira.

A razão humana descobre que Deus lhe é inacessível na sua essência.

Limitações da criatura humana, apesar do êxito obtido pelo entendimento ao provar a existência de Deus.

## O SER E A ESSÊNCIA, S. Tomás de Aquino

### 1. Dínase substancial – não tem por si existência independente, não tem essência completa: precisa daquilo de que é dínase, aquilo a que sobrevém – a matéria.

Aquilo a que a dínase substancial sobrevém também não tem existência independente: da conjunção da dínase e da matéria resulta uma essência.

A dínase substancial é parte de uma essência completa, de uma existência substancial.

### 2. A dínase substancial:

- não tem uma existência independente;

- não é uma essência completa, mas é parte de uma essência completa.

A dínase accidental:

- não tem uma existência independente;

- não é parte de uma essência completa;

- da sua conjunção com o subsistente resulta um ser uno apenas por acessibilidade.

### 3. O objectivo da obra consiste em determinar qual a essência das diversas realidades e a relação da essência com a definição.

Os acidentes não têm existência por si mesmos, independente de um substanto: têm a definição incompleta (precisam de um princípio a que aderir), assim como a essência.

Da conjunção de um acidente com um substanto não resulta uma existência substancial.

## REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, S. Boaventura

### 1. Gramática, lógica e retórica permitem as três modalidades do discurso: a gramática permite exprimir, a lógica instruir e a retórica persuadir.

### 2. A filosofia ocupa-se da verdade: dos discursos (filosofia racional), das coisas (filosofia natural) e dos costumes (filosofia moral).

Esta divisão tripartida corresponde à consideração em Deus da razão de causa eficiente, de causa formal, ou exemplar, e de causa final.

### 3. A filosofia investiga a verdade, as causas ocultas das coisas, por meio dos primeiros princípios das ciências e da verdade natural.

A filosofia, nas suas divisões tripartidas, exprime Deus como causa eficiente, exemplar e final, assim como a estrutura do real.

A tarefa da filosofia é interpretar a estrutura do real à luz da teologia.



## GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação .....	8 pontos
Mobilização de conhecimentos*.....	20 pontos
Posicionamento crítico/problematizador** .....	20 pontos
Coerência lógica do discurso.....	20 pontos
Correcção da expressão escrita .....	12 pontos
TOTAL ..... (1 × 80) = .....	80 pontos
<b>TOTAL DO GRUPO II</b> .....	<b>80 pontos</b>

\* Desdobrável em:

- selecção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido;
- utilização precisa da terminologia filosófica.

\*\* A resposta deve reflectir uma apropriação pessoal dos conhecimentos, apresentando uma apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor na obra.

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Dado o objectivo deste grupo, os tópicos a seguir apresentados são meras sugestões. Serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

V.S.F.F.

114/C/5

**Apenas como sugestões de correcção, apresentam-se os seguintes tópicos:**

#### **PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes**

**TEMA: Poder e limites da razão humana**

A razão, através da dúvida, chega ao «primeiro conhecimento certo que se pode adquirir»; conhece a distinção entre alma e corpo, conhece ideias claras e distintas que nascem connosco, conhece que Deus existe (através de provas causais e do argumento ontológico) e deduz os seus atributos.

Para ter conhecimento certo de que qualquer coisa existe é necessário o conhecimento de Deus e da veracidade divina.

Para passar do conhecimento de Deus ao das criaturas é necessário lembrar que o entendimento humano é finito.

A nossa razão não pode compreender o infinito; tem de crer em tudo o que Deus revelou, apesar de estar acima do alcance do nosso espírito. A nossa faculdade de julgar, desde que não se estenda para além daquilo que conhece com clareza e distinção, não falha; ao julgar, porém, é possível o erro, dado que esse acto exige a conjunção necessária da vontade (ilimitada) e do entendimento (finito).

#### **CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke**

**TEMA: Poder político e consciência individual**

O poder político tem como única finalidade a conservação e a promoção dos bens civis; não pode ter qualquer interferência no cuidado das almas dos cidadãos.

A salvação da alma é um cuidado que incumbe a cada um, é uma questão de consciência individual: cada um é livre de se ocupar dos meios de salvação da sua alma, de acordo com as conclusões a que a sua reflexão o tenha conduzido.

O magistrado não sabe mais do que qualquer outro qual a verdadeira religião e, mesmo que soubesse, nada podia para obrigar os seus súbditos a segui-la: o constrangimento é inútil e prejudicial em matéria de salvação. Só a persuasão interior salva, e o constrangimento não a produz.

A salvação só é possível àquele que está convencido, no fundo do seu coração, da verdade daquilo que professa; seguir uma religião imposta acarreta o pecado de hipocrisia.

Quando ocorrem conflitos entre a consciência individual e as leis do poder político, é a consciência que deve seguir-se, embora reconhecendo a legitimidade do castigo inerente à desobediência às leis civis.

#### **DISCURSO DE METAFÍSICA, G. Leibniz**

**TEMA: Liberdade e necessidade**

«A noção de uma substância individual encerra, de uma vez por todas, tudo o que sempre lhe pode acontecer...». A alma humana é influenciada por tudo o que acontece no universo, mesmo por aquilo de que não tem consciência; participa na unidade harmónica universal: cada acção é consequência lógica e ontológica exigida pelo desenvolvimento de que «uma fatalidade absoluta reinará em todas as nossas acções, bem como em todo o resto dos acontecimentos do mundo».

A acção humana está predeterminada pela noção completa da alma de cada ser humano.

Por outro lado, é contingente, é fruto de uma escolha racional: a alma é livre, devido à ausência de um conhecimento total de todas as inclinações (o ser humano não possui intuição intelectual); pode escolher dentro das acções possíveis que não ponham em causa o princípio da não-contradição e o grau de perfeição ontológica próprio do homem.

Conciliação da liberdade humana com o pré-conhecimento de Deus.

Distinção entre o que é necessário – conexões necessárias, regem-se pelo princípio da não-contradição e dependem do entendimento divino – e aquilo que é apenas pré-conhecido por Deus – conexões contingentes, possuem razão suficiente, dependem da vontade de Deus. Só Deus entende a razão suficiente.

## FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

### TEMA: Liberdade e dever

O conceito de dever não tem qualquer conteúdo empírico, nem pode ser extraído da experiência; tem o seu fundamento no puro respeito pela lei; expressa uma obrigação incondicional – é a maneira pela qual uma vontade se submete à lei moral.

O homem é simultaneamente um ser fenoménico – sensível, sujeito às leis da natureza – e numérico – racional, independente face às determinações da sensibilidade, consciente de si como um ser dotado de inteligência.

A vontade, que não se deixa dominar pelas inclinações sensíveis (heteronomia), é legisladora para si mesma, os princípios a que obedece têm origem no seu próprio querer (autonomia). A liberdade não é um conceito da natureza.

O imperativo categórico ordena que algo seja feito apenas pelo puro dever de respeito à lei moral – liberdade do ser racional. «Uma vontade livre e uma vontade submetida a leis morais são, por conseguinte, uma só e mesma coisa.» A liberdade é condição da moralidade, domínio onde a razão prática é legisladora.

## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

### TEMA: Filosofia e religião

Filosofia e religião são lugares de manifestação do Absoluto. Têm em comum o conteúdo – objectos totalmente universais. Ambas têm como objecto a razão universal. Diferem apenas na forma como esse conteúdo nelas está presente.

Religião é o modo como a Ideia se dá à consciência não filosófica, à consciência que intui; o Espírito absoluto revela-se no coração, na consciência representativa, no entendimento.

A religião precede, na ordem do tempo, a filosofia, mas não é o seu começo, nem pode fazer parte da filosofia.

A filosofia é a forma do próprio pensar universal; pretende consumir a reconciliação pelo conhecimento pensante, na medida em que o espírito quer acolher, em si, a sua essência; o Absoluto está na filosofia como pensamento.

«A filosofia pensa, concebe aquilo que a religião representa como objecto da consciência».

O mundo cristão, ao contrário do mundo oriental, acentuou a separação entre filosofia e religião.

## TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

### TEMA: Sentido da evolução

A vontade é livre, segue a sua essência para se realizar.

A evolução é um verdadeiro progresso: em cada nova esfera há um «aumento de ser».

O progresso e o desenvolvimento da sociedade e da vida humana são fruto do espírito que, consciente do seu próprio fim, procura a justiça e o bem: a evolução mede-se pela virtude moral.

A evolução universal parte da virtualidade infinita do ser e dirige-se para um fim – a realização dessa virtualidade, a plenitude e a perfeição.

Este movimento universal em direcção à plenitude é regido por uma lei racional – a aspiração profunda da liberdade dirige a vontade de todos os seres, desde a espontaneidade inconsciente da matéria até à consciência e razão humanas.

A evolução é uma espiritualização gradual e sistemática, é um caminhar em direcção à plena liberdade.

V.S.F.F.

114/C/7

## A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Dimensão ontológica da arte

O mundo é um jogo trágico, um jogo de forças em conflito – o trágico como princípio cósmico. O espírito apolíneo e o espírito dionisiaco são forças em conflito, princípios metafísicos do mundo. A oposição dos dois princípios gera harmonia, unidade; a arte revela essa unidade. A arte é vista como acontecimento cósmico e princípio ontológico: é pela arte que se apreende o ser, que o ser se revela, que a essência do mundo se manifesta – «A música é a expressão simbólica do antagonismo e da dor universais que estão no coração do Uno primordial». A tragédia, indissoluvelmente unida à música, revela o Ser.

## DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Linguagem e realidade

Recusa da visão dualista tradicional acerca da actividade linguística:

- materialidade dos signos e imaterialidade do sentido e da compreensão destes;
- existência de um mundo real e único independente da *praxis* linguística.

A noção de «acto linguístico» manifesta a dependência:

- da linguagem, relativamente a uma sociedade;
- das frases, relativamente à intenção de quem as usa – linguagem como forma de vida.

A «imagem do mundo» intervém necessária e espontaneamente na significação das proposições empíricas.

Os significantes só têm significado no contexto, no uso que o ser humano faz deles.

A imagem do mundo como substrato de todas as percepções e afirmações, como base do conteúdo semântico das proposições empíricas.

Os jogos de linguagem:

- são imprevisíveis;
- não são razoáveis nem não razoáveis;
- não se baseiam em fundamentos (não têm necessidade ontológica);
- não derivam necessariamente do sistema de proposições que reflecte uma imagem do mundo.

Os jogos de linguagem são comparáveis com a textura aberta da acção humana.

## ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: Filosofia e Deus, hoje

A procura de Deus é hoje quase inexistente: as provas da sua existência permanecem subentendidas, e os filósofos limitam-se a rejeitar a negação de Deus (quer procurando vislumbrar nas novas filosofias a ideia de ser necessário, quer classificando de ateísmo as filosofias que a põem em dúvida).

A filosofia evita quer o «humanismo prometeico», quer as «afirmações rivais da teologia».

A teologia constata a contingência do ser humano para o fazer derivar de um ser necessário; a filosofia chama a atenção para o que existe de problemático, em si, na existência do mundo e na dos seres humanos.

A filosofia não pode ser atingida pela censura de ateísmo, embora esteja sempre a ela sujeita.



## OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

### TEMA: Crença, verdade e falsidade

Possibilidade de acreditar tanto no verdadeiro como no falso. A procura de um critério que permita distinguir as crenças erróneas das verdadeiras.

A distinção das crenças verdadeiras e falsas implica a resposta à questão: que significa perguntar se uma crença é verdadeira ou falsa?

Questão prévia: o que se entende por verdade e por falsidade.

A verdade como coerência: uma crença é verdadeira quando se integra num sistema acabado da verdade. A verdade não consiste numa relação da crença com algo exterior a ela.

Impossibilidade da aceitação da coerência como critério de verdade.

A verdade como correspondência: uma crença é verdadeira quando há um facto que lhe corresponde, falsa, quando não existe esse facto.

As crenças dependem do espírito para existirem, mas não dependem do espírito para serem verdadeiras ou falsas.

## A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

### TEMA: Natureza da consciência saudosa

A consciência saudosa pertence ao domínio da afectividade, do sentimento e não da razão; não se confunde com a consciência filosófica da saudade.

A consciência saudosa não é:

- consciência teórica da razão;
- consciência prática - não tem origem nos juízos morais, nem tem um fim utilitário;
- remorso.

A consciência saudosa é uma consciência íntima, subjectiva, pessoal, que está virada para o passado, afectivamente pleno - evoca recordações preferíveis ao presente decepcionante -, e nunca para o presente ou para o futuro.

A consciência saudosa, enquanto sentimento, não é transmissível a outrem: só é compreensível no seio de uma consciência humana singular.

## DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

### TEMA: Erro e verdade

O homem esquece-se do ente no seu todo, torna-se a si mesmo medida para todos os entes.

A errância em que o homem cai pertence à constituição do ser-aí, na qual o homem histórico se encontra inserido - a ocultação do ente, velado na sua totalidade, domina a desocultação de cada ente, a qual, como esquecimento da ocultação, se torna errância.

A errância é o lugar aberto e o fundamento do erro.

Errar é a agitação do homem que se afasta do mistério, aproximando-se do que lhe é acessível, dos objectos correntes.

O erro não é uma falta isolada, mas o emaranhado de todas as errâncias.

Limitação da concepção tradicional de erro: a correcção do juízo e a falsidade do conhecimento são apenas os mais superficiais géneros de erro (o desperdício, o engano, o dispersar-se e perder-se nas atitudes e decisões essenciais são também erro).

A errância domina o homem, na medida em que o desorienta, mas, se o homem experimentar a errância e não se equivocar no mistério do ser-aí, pode elevar-se a partir da ek-sistência e não se deixar desorientar.

A ocultação do oculto e a errância pertencem à essência originária da verdade.

V.S.F.F.

114/C/9

«O discurso é o evento da linguagem», mas tem uma relação dialéctica com a significação:

- não é pura evanescência – ao longo de todas as transformações preserva uma identidade própria, o conteúdo proposicional ou «o dito enquanto tal»;
- actualiza-se como evento, mas é compreendido como significação, suprime e supera o evento na significação.

Significar é o que o locutor faz, mas é também o que a frase faz; o significado mental só pode encontrar-se no próprio discurso através dos conectores e pelo dispositivo enunciativo pelo qual o próprio texto se refere ao seu sujeito – mecanismos gramaticais de auto-referência do discurso.

O significado da enunciação – conteúdo proposicional – é o lado objectivo do significado; – o significado do locutor – auto-referência da frase, dimensão ilocucionária do acto linguístico e intenção de reconhecimento pelo ouvinte – é o lado subjectivo da significação.

A linguagem só tem referente quando se actualiza: não há nenhuma característica interna, independente do uso de uma frase, que constitua um critério de denotação.

A dialéctica entre evento e significação remete para uma dialéctica entre sentido e referência.

A linguagem não é por ela própria um mundo; é a nossa experiência no mundo que faz com que tenhamos algo a trazer à linguagem. «Trazer experiência» é a condição ontológica da referência.